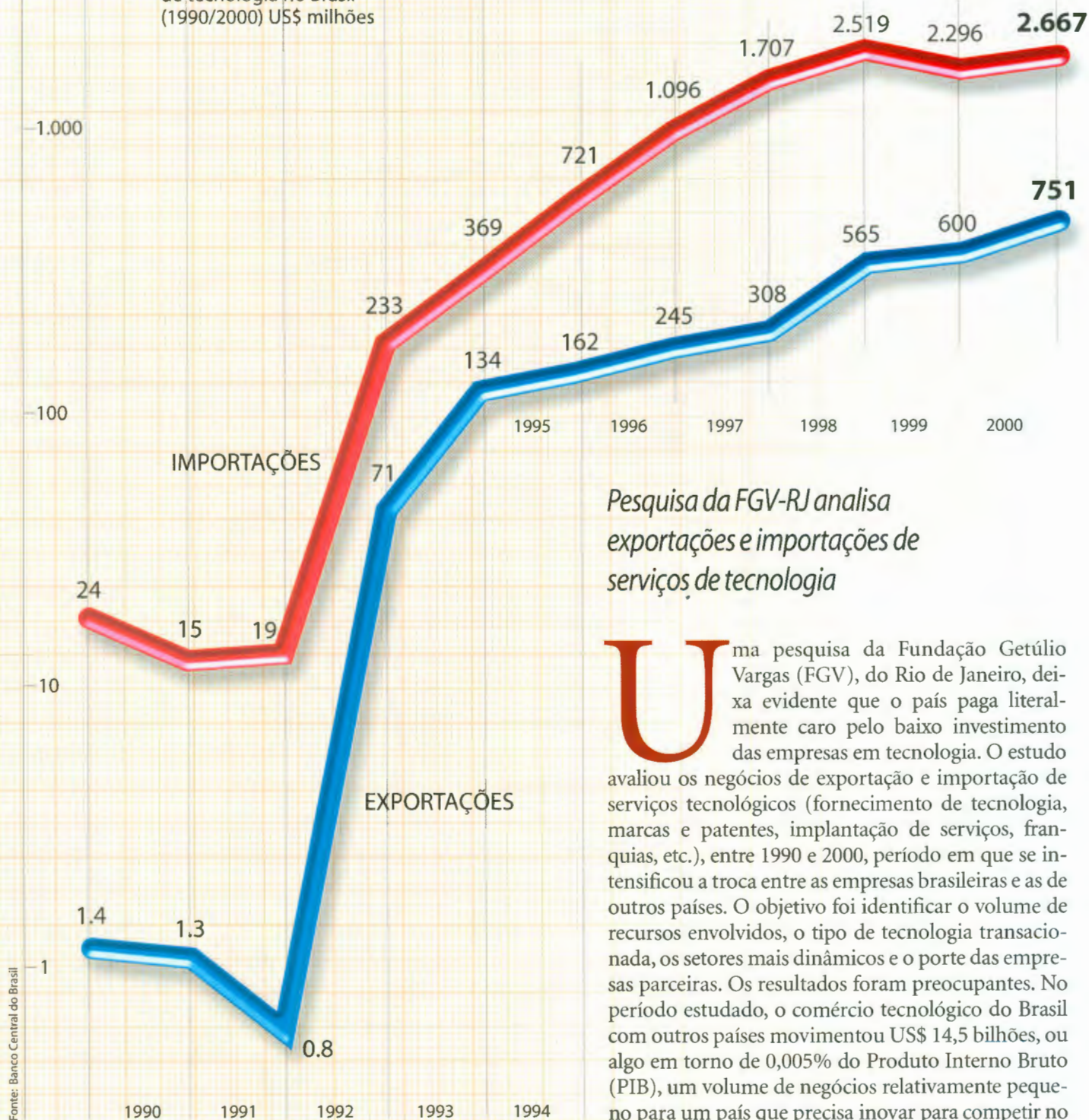


PESQUISA

O fiel da balança

Transações internacionais de tecnologia

Exportações e importações de tecnologia no Brasil (1990/2000) US\$ milhões



Pesquisa da FGV-RJ analisa exportações e importações de serviços de tecnologia

Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), do Rio de Janeiro, deixa evidente que o país paga literalmente caro pelo baixo investimento das empresas em tecnologia. O estudo avaliou os negócios de exportação e importação de serviços tecnológicos (fornecimento de tecnologia, marcas e patentes, implantação de serviços, franquias, etc.), entre 1990 e 2000, período em que se intensificou a troca entre as empresas brasileiras e as de outros países. O objetivo foi identificar o volume de recursos envolvidos, o tipo de tecnologia transacionada, os setores mais dinâmicos e o porte das empresas parceiras. Os resultados foram preocupantes. No período estudado, o comércio tecnológico do Brasil com outros países movimentou US\$ 14,5 bilhões, ou algo em torno de 0,005% do Produto Interno Bruto (PIB), um volume de negócios relativamente pequeno para um país que precisa inovar para competir no

mercado internacional. No mesmo período, os Estados Unidos movimentaram 4% do seu PIB, ou US\$ 320 bilhões com a exportação e importação de tecnologia.

O Brasil exportou US\$ 2,8 bilhões em tecnologia e importou US\$ 11,7 bilhões. E o déficit na balança comercial foi de US\$ 8,9 bilhões. “Em nenhum dos setores encontramos resultados positivos”, diz Virene Roxo Matesco, da FGV-RJ, coordenadora da pesquisa e diretora da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet-SP). Esses resultados, ela avalia, sugerem que a incorporação de tecnologias importadas, apesar de agregar valor ao produto interno, ainda não teve impacto nas exportações brasileiras de serviços de tecnologia, como seria de se desejar.

Balança comercial - Com base nos números fornecidos pelo Banco Central (BC), a pesquisa constatou que, no âmbito do comércio de tecnologia, as exportações brasileiras da indústria de transformação lideraram as vendas externas por setor e representaram 57,23% dos negócios brasileiros com outros países. O setor de serviços participou com 35,75% do total das exportações, seguido pelo de comércio, com 6,18%, e por outros setores, com 0,84%. Os maiores investimentos foram na compra de serviços técnicos especializados, que representaram 87,13% das importações. Os demais – serviços técnicos especializados de montagem de equipamentos, de projetos, desenho e modelos de engenharia e de implantação ou instalação de projetos – não ultrapassaram a casa dos 5%.

As transferências de tecnologia lideraram as importações, somando 38,15% das compras externas brasileiras. Em seguida, vieram os serviços técnicos especializados, com 24,47%, e o fornecimento de serviços de assistência tecnológica, com 17,57%. Em quarto lugar, estão os gastos com patentes – licença de exploração e cessão – de marcas e patentes –, registro,

depósito ou manutenção. Os números são expressivos: somaram US\$ 1,3 bilhão, ou quase 11,5% do total das importações. E, na quinta posição, estão os serviços técnicos especializados de montagem de equipamentos, que representaram 3,8% do valor total das importações.

As importações de tecnologia, Virene reconhece, são benéficas para o país, já que sinalizam o investimento das empresas na modernização do parque instalado e na inovação de suas atividades. “Demonstram a crença no futuro” observa. O problema, no caso brasileiro, está no ritmo de crescimento das exportações de tecnologia ao longo do período estudado. “O desempenho dos negócios deixa claro que as importações de bens de capital e de tecnologia não têm conseguido agregar valor aos bens e serviços aqui produzidos de forma a permitir o superávit de alguns setores de atividades”, ressalva.

Déficit tecnológico - Todos os setores analisados registraram déficit na balança comercial de serviços de tecnologia. No setor agropecuário, as exportações concentraram-se nas áreas agrícola e pecuária e movimentaram um total de US\$ 46,9 milhões, mas o déficit acumulado no período foi de US\$ 8,1 milhões.

O mesmo desequilíbrio foi observado em todos os setores da indústria. A indústria extrativa mineral apresentou um significativo saldo negativo de US\$ 156,6 milhões. Até no setor de petróleo, que, historicamente, registra um alto investimento em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), observou-se um déficit tecnológico acumulado da ordem de US\$ 58,5 milhões. Esse desempenho repetiu-se também na indústria de transformação, que movimentou US\$ 7,5 bilhões em compra e venda de tecnologia, com déficit tecnológico de US\$ 1,6 bilhão. O setor que mais registrou vendas com tecnologia, sem, no entanto, sair do vermelho, foi o que reúne as indústrias ligadas ao segmento automobilístico e o de bens de capital. No setor de comércio,

o déficit foi de US\$ 458,9 milhões, e no de serviços, de US\$ 3,9 bilhões.

As grandes empresas foram responsáveis por 40% das exportações. A participação das pequenas foi de 13,4% das receitas. As importações foram mais bem distribuídas entre as empresas de diversos portes. Virene chama a atenção para o fato de as megaempresas terem participado com somente 3% das despesas totais, o que, na sua opinião, demonstra o pouco interesse em investir na inovação.

Vantagem competitiva - Virene, mais uma vez, reconhece que o tamanho do mercado interno brasileiro – que consome cerca de 90% da produção nacional de tecnologia – poderia, para alguns, justificar esse desequilíbrio na balança do comércio tecnológico do Brasil ao longo do período. “As multinacionais, por exemplo, têm o seu foco no mercado consumidor nacional.” Sublinha, no entanto, que esse desempenho tem o que ela chama de viés estrutural complicado. “Perdemos o bonde na virada dos anos 60 e 70, quando a vantagem competitiva do país não estava na produção interna, mas na tecnologia intensiva”, analisa. Na última década, o país negligenciou vários fatores que, hoje, contribuem para que as novas tecnologias incorporadas à produção se dispersem e não agreguem valor ao produto, com reflexos positivos nas exportações. Um dos fatores de dispersão, ela aponta, é a ausência da “educação para a tecnologia.” “Apostamos na erradicação do analfabetismo, na formação de mão-de-obra abundante e barata, sem investir numa preparação específica de sua força de trabalho”, avaliou. Também contribuiu para essa diluição dos investimentos o fato de as empresas operarem “estranguladas” por impostos altos, elevando o que se convencionou chamar de Custo Brasil. Aponta, ainda, a falta de uma política industrial que leve em conta as necessidades dos setores. “O Estado não conseguiu perceber o que cada segmento necessita.”